

DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8136.89861>

## ESTÉTICA PARA QUEM? SOBRE O PÚBLICO DA PERSUASÃO PENTECOSTAL

*Ruy Llera Blanes<sup>1</sup>*

**Resumo:** Neste texto abordo a noção de “estética da persuasão” formulada por Birgit Meyer. Explorando a dimensão distributiva da estética presente na sua tese, argumento que o “lugar” da religião é um espaço de relacionabilidades exteriorizações que deverá incluir tanto crentes como não crentes, os espaços de culto e as suas vizinhanças seculares, configurando um “público” que excede o religioso. Para tal, utilizo como termo de comparação empírico o meu trabalho de campo sobre pluralismo religioso no bairro do Palanca, em Luanda (Angola).

**Palavras-chave:** Pentecostalismo; Persuasão; Públicos; Birgit Meyer.

**Abstract:** In this paper I address the notion of “aesthetics of persuasion” formulated by Birgit Meyer. Exploring the distributive dimension of the aesthetics present in her thesis, I argue that the “place” of religion is a space of relationalities and exteriorizations that should include both believers and non-believers, spaces of worship and their secular neighborhoods, forming a “public” that exceeds the sphere of the religious. To this end, I use my field work on religious pluralism in the neighborhood of Palanca, in Luanda (Angola) as an empirical comparison.

**Keywords:** Pentecostalism; Persuasion; Publics; Birgit Meyer.

Birgit Meyer é, sem sombra de dúvida, um dos nomes incontornáveis das ciências sociais da religião das últimas décadas. Conhecida em primeira instância pelo estudo empírico de movimentos religiosos em África (em particular, a emergência do cristianismo evangélico e pentecostal no Gana), nos últimos anos a investigadora alemã radicada na Holanda desenvolveu uma linha de reflexão mais abrangente e conceptual que contribuiu para

---

<sup>1</sup> School of Global Studies, University of Gothenburg. Contato: [ruy.blanes@gu.se](mailto:ruy.blanes@gu.se)

inúmeros debates sobre religião e globalização, religião, imagens e media, religião e estética, religião e os sentidos, religião e património, etc.

Neste contexto, o seu argumento recente sobre a “estética da persuasão” é um convite para uma abordagem original desde a antropologia e campo interdisciplinar dos *religious studies* ao fenómeno religioso, e em particular ao cristianismo contemporâneo – marcado, como refere Meyer no texto “Aesthetics of Persuasion”, por um processo de “pentecostalização”. Tal como fizera no final da década de 1990 com a sua leitura do pentecostalismo a partir de um modelo rupturista (“Make a complete break with the past”, 1998), Meyer volta a apresentar-nos uma abordagem original e inovadora que nos obriga a repensar uma vez mais o nosso método de abordagem ao religioso desde as ciências sociais, a partir de uma motivação empírica: a forma como o campo do cristianismo se transformou desde a emergência da teologia e experiência pentecostal no século vinte.

Em parte, a proposta de Meyer parte da necessidade de “des-protestantizar” a análise do cristianismo e embarcar numa abordagem desde a “materialidade” – corpos, coisas, textos, gestos – que por sua vez permitiria capturar a dimensão imanente, presencial, socializada, do divino. Aqui, o ponto de partida é a contradição que o cristianismo e o pentecostalismo contemporâneos provocam na clássica tese dualista de Max Weber e outros, que irreconciliavam estética e ética, corpo e espírito, salvação e vida. Através de uma interlocução com sociólogos, teólogos e filósofos – desde Max Weber a Alexander Baumgarten, Terry Eagleton e outros –, Meyer propõe vários itinerários conceptuais para compor uma teoria da “estética da persuasão”, que ela define como um espaço relacional de produção de “verdade” (*truth effects*) no religioso. Esse espaço é, em última instância, o corpo, onde, através de dispositivos retóricos e estilísticos, convergem forma, conteúdo e emoção – ou noutras palavras, a estética. Neste âmbito, partindo das reflexões do filósofo francês Jacques Rancière, Meyer defende uma abordagem mais interessada na condição política da relacionalidade e emocionalidade, enquanto determinante da sensorialidade, que em princípios opositivos abstratos. Consequentemente, um dos itinerários é aquilo a que Meyer chama

de “formas sensacionais”, uma conceitualização que se propõe sobrepor ao referido dualismo, em benefício de uma ideia de “distribuição do sensível” própria da relacionalidade própria da experiência estética.

É com esta dimensão distributiva que proponho uma reflexão a partir da minha própria experiência de terreno sobre movimentos religiosos em Angola. Na minha opinião, uma potencial consequência da teoria da estética da persuasão, não totalmente explicitada por Birgit Meyer, reside não só na transcendência do dualismo mas também na possibilidade de abertura que permite em termos heurísticos. Noutras palavras, permite-nos pensar o religioso e as suas vertentes materiais e sensacionais mais além do “lugar próprio” da religião, como ocupando um espaço de relacionalidade que inclui tanto crentes como não crentes. Desde este ponto de vista, o “público” da religião não incorporaria apenas crentes atuais e prospetivos, mas também os seus “vizinhos”: familiares, conhecidos e outros frequentadores dos espaços em que as igrejas pentecostais estabelecem as suas políticas de persuasão. Portanto, a sua “materialidade” e o seu “corpo” extravasam a imanência do religioso, estendendo-se para o espaço público secularizado.

Para ilustrar esta ideia, proponho o seguinte exercício de itinerário etnográfico:<sup>2</sup> encontramos-nos num dos musseques (bairros informais) da cidade de Luanda, por exemplo o Palanca. Este bairro, situado no centro-leste da cidade, é de génese tardo-colonial (década de 1960) e um dos mais icónicos da capital angolana. Habitado maioritariamente por angolanos de etnia bakongo, é frequentemente associado a determinados tropos tradicionalmente associados aos mesmos: comércio, informalidade, feitiçaria e religiosidade. Apesar de não ser um musseque tradicional devido à sua planificação original em grelha, o Palanca é ainda assim visto como um símbolo da Luanda que se situa “para além do asfalto”, isto é, do centro histórico e dos condomínios de elite.

---

<sup>2</sup> Este exercício também está incluído numa monografia escrita experimentalmente em conjunto com as colegas Annelin Eriksen e Michelle MacCarthy, intitulada *Going to Pentecost* (ver Eriksen; Blanes; MacCarthy, 2019).

Neste contexto, andando pelas ruas do Palanca, somos confrontados com duas realidades: em primeiro lugar, a recorrência de pequenas igrejas cristãs de vária ordem (evangélica, pentecostal, protestante, católica, etc.) assim como de lugares de culto *mpeve ya nlongo* – nome tradicionalmente atribuído a movimentos onde convergem elementos cristãos e de tradição bakongo. Notamos a sua presença ora por via acústica – com os sermões amplificados, cânticos e orações – ora por via visual, com as pinturas murais que anunciam os programas semanais dos locais, ou os posters que anunciam eventos futuros ou passados. Mas essa recorrência é também marcada por outros locais secularizados que coabitam com os locais de culto: comércios formais e informais, armazéns de distribuição, bares e cantinas, residências privadas e “cubicos” (quartos), etc. Em suma, os espaços de culto estão inseridos em espaços plurais de convivência quotidiana religiosa e/ou secular, e é em função dessa inserção que definem e estabelecem a sua estética de persuasão, que se configura portanto numa função contextual e relacional.

Por exemplo, em Outubro de 2013, entro no Palanca para visitar a casa de uns amigos. Entrando pelo lado norte do bairro, a partir da Estrada de Catete, na Rua J, sou confrontado com uma pequena igreja da IURD, um dos poucos locais de culto que ainda não foi objeto de reformulação estética, e portanto conserva ainda as cores branca e vermelha como referência principal. Fora da igreja, um grupo de crentes cria um círculo de oração para sinalizar o fim do culto e “expandir” a sua experiência ritual para fora do espaço litúrgico convencional. Entretanto, vários transeuntes “acomodam” o círculo, esperando que o círculo se desfaça ou contornando o mesmo pela estrada, evitando os carros e motos que por ali circulam. Não muito longe deste lugar, na rua paralela (Rua I), encontramos logo a Igreja Tempo da Verdade. Não é difícil escutar os cânticos em lingala (língua franca utilizada entre os bakongo do norte de Angola e a República Democrática do Congo) que emergem da mesma. Duas ruas mais abaixo, encontra-se a residência do Pastor Nunes, principal líder da EKWESA – uma igreja *mpeve ya nlongo* estabelecida no bairro desde a década de 1980. E no meio, várias cantinas e lojas, de onde

emergem sonoridades mais mediatizadas (desde o kuduro ao semba e ao hip hop), onde convivem juventudes menos interessadas em questões religiosas.

Alguns quilómetros mais a noroeste deste lugar, na entrada do Bairro do Rangel, encontramos outro local de culto da IURD, na avenida Hoji Ya Henda, frente ao antigo Chechénia. No estacionamento traseiro da igreja, reparamos noutro círculo, desta vez de jovens cantantes de coro da igreja, devidamente trajados e ensaiando cânticos. Os cânticos perdem-se no meio do restante ruído, composto por ensaios de som de um salão de festas contíguo, dos carros e candongueiros (táxis coletivos) que circulam de e para a baixa da cidade, das ambulâncias que se aproximam do vizinho hospital Américo Boavida, etc. No entanto, o ruído não impede os jovens de continuar o seu ensaio com determinação.

Estas pequenas notas etnográficas não são mais do que “evocações sensíveis”, para reformular uma reflexão proposta há vários anos por Marilyn Strathern (1991): recordações sobre o religioso em Luanda a partir de impressões que registei ao longo dos anos, sem que isso implicasse uma introdução etnográfica aprofundada ao universo religioso particular em questão (a IURD). E de facto, reconheço que os meus conhecimentos etnográficos sobre esta igreja são voluntariamente parcos, na medida em que sempre preferi estudar outros movimentos (ver, por exemplo, Blanes, 2014), e o que vou conhecendo vem por duas vias: por um lado, o trabalho de pesquisa pioneiro de colegas como Clara Mafra, Claudia Swatowski e Camila Sampaio (2012), em colaboração com pesquisadores angolanos; e por outro, o que vou recebendo em tanto que “transeunte” nos espaços religiosos e seculares em Luanda desde 2006 até hoje: a interação casual com os seus membros; as conversações espontâneas com membros de outros movimentos religiosos; a produção mediática que se produz a partir ou sobre a igreja nos jornais e televisões locais; a estética que me é apresentada em vários pontos da cidade de Luanda; os eventos que vão sendo relacionados com a igreja (Blanes, 2015); e um grande etc. Tendo apenas entrado uma vez numa catedral da IURD em Angola (no bairro de Alvalade em Angola),

incluo-a no entanto num espaço de reconhecimento e familiaridade que me faz partícipe de uma determinada lógica de persuasão.

Portanto, esta abertura que procuro estabelecer no que diz respeito à estética da persuasão é no fundo um apelo ao caráter inerentemente público, plural e exteriorizado da religiosidade (Giumbelli, 2008), reforçando o argumento de Meyer sobre a dimensão sensacional e material com um englobamento que mobilize não só os crentes e participantes no interior da esfera do religioso, mas também os relativos não crentes, e os meros transeuntes, sejam eles potenciais conversos ou não. Desde este ponto de vista, a “persuasão” do cristianismo e pentecostalismo não é imanente nem depende exclusivamente da agência dos líderes e praticantes religiosos. É antes de mais um espaço relacional que inclui tanto movimentos exteriorizantes de expansão por parte de crentes (proselitismo, campanha, culto, etc.) como movimentos de atração, rejeição ou indiferença por parte dos “outros”, dentro do espaço plural de convivência.

## REFERÊNCIAS

BLANES, Ruy Llera. *A Prophetic Trajectory: Ideologies of Place, Time and Belonging in an Angolan Religious Movement*. Oxford; New York: Berghahn Books, 2014.

\_\_\_\_\_. Politics of Sovereignty: Evangelical and Pentecostal Christianity and Politics in Angola. In: COLEMAN, Simon; HACKETT, Rosalind (Ed.). *The Anthropology of Global Pentecostalism and Evangelicalism*. New York: NYU Press, 2015.

ERIKSEN, Annelin; BLANES, Ruy Llera; MACCARTHY, Michelle. *Going to Pentecost: an Experimental Approach to Ethnographies of Pentecostalism*. Oxford; New York: Berghahn Books, 2019. No prelo.

GIUMBELLI, Emerson. A Presença do Religioso no Espaço Público: Modalidades no Brasil. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 80-101, 2008.

MAFRA, Clara; SWATOWISKI, Claudia; SAMPAIO, Camila. O Projeto Pastoral de Edir Macedo: Uma Igreja Benevolente para Indivíduos Ambiciosos? *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 27, n. 78, p. 81-96, 2012.

MEYER, Birgit. "Make a Complete Break with the Past": Memory and Postcolonial Modernity in Ghanaian Pentecostal Discourse. *Journal of Religion in Africa*, Leiden, v. 28, n. 3, p. 316-349, 1998.

STRATHERN, Marilyn. *Partial Connections*. New York: Altamira Press, 1991.

Recebido em: 14/07/2018

Aprovado em: 15/07/2018

# ARTIGOS